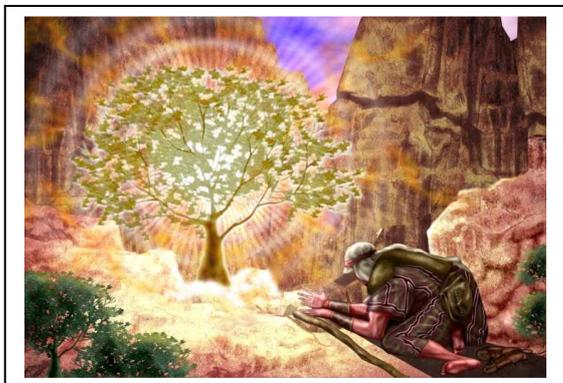


CONHECER A DEUS É MAIS QUE INFORMAÇÃO... É RELACIONAMENTO!



Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. E Moisés escondeu o rosto, pois teve medo de olhar para Deus.” (Êxodo 3.1-6 – Almeida Século 21)

INTRODUÇÃO

Os primeiros capítulos do livro do Êxodo narram o início da vida de Moisés, um menino destinado a libertar o povo judeu, e que é encontrado pela filha de Faraó e adotado por ela (cf. Êxodo 2.1-10). Já na fase adulta, Moisés vê a agressão de um egípcio contra um de seus irmãos hebreus. Ele mata o opressor egípcio e esconde o corpo na areia (cf. Êxodo 2.11-12). Mas o crime de Moisés é descoberto e ele é forçado a fugir para a terra de Midiã, a fim de salvar a própria vida (cf. Êxodo 2.15). Em Midiã, Moisés se casa com uma mulher chamada Zípora, tem filhos e se torna pastor das ovelhas que pertenciam a Jetro, seu sogro (cf. Êxodo 2.21, 3.1).

Certo dia, Moisés estava cuidando do rebanho que pertencia ao seu sogro quando olhou e viu uma sarça em chamas, mas que não se consumia. Quando se aproximou daquele aglomerado de arbustos, Moisés se encontrou com o Deus de Israel. Como resultado desse encontro, Moisés deixou de pastorear as ovelhas de Jetro e passou a pastorear o “rebanho” de Deus, guiando-o à terra prometida a Abraão, a Isaque e a Jacó (cf. Êxodo 3.1-4.31).

Com o decorrer do tempo, o relacionamento entre Deus e Moisés se intensificou; ele se tornou tão profundo, tão entranhável, tão íntimo, que a Bíblia declara que “o SENHOR falava com Moisés face a face, como quem fala com seu amigo” (Êxodo 33.11a). O vínculo entre Deus e Moisés serve para ilustrar o desejo de Deus em relação aos membros de Sua Igreja. O próprio Senhor Jesus declarou: “Já não vos chamo servos, pois o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas eu vos chamo amigos, pois vos revelei tudo quanto ouvi de meu Pai” (João 15.15). Assim como foi com Moisés, Deus quer se relacionar conosco como amigo, de forma intensa, íntima, profunda, de maneira que o nosso coração esteja completamente interligado com o coração do Pai Celestial. Esse desejo divino, porém, não é realidade na vida de muitos que se dizem cristãos. Se mensurarmos a qualidade do nosso relacionamento com Deus, veremos que em muitos momentos nós deixamos a desejar. Em geral, a

nossa relação com Deus se encontra muito periférica, superficial, limitada. Para piorar, não percebemos que o que limita a ação de Deus em nossa vida é o espaço que damos a Ele. Afinal, intimidade é para os íntimos.

Enganam-se aqueles que pensam ser possível conhecer a Deus intimamente apenas lendo livros, questionando a história, discutindo teologias ou comparando biografias. **Conhecer a Deus é mais que informação... É relacionamento!** É acatar o convite do profeta Oséias que disse: “*Conheçamos e prossigamos em conhecer o SENHOR*” (cf. Oséias 6.3a) – é atitude presente, contínua e permanente.

Quando Deus se identificou para Moisés (cf. vs. 14-15 – “*EU SOU O QUE SOU*”), a expressão “o que”, do hebraico אֲשֶׁר (*’asher*), utilizada por Ele, levanta o assunto da natureza de Deus em vez de um título. Deus responde a Moisés chamando a si mesmo de יְהוָה (*Yahweh*), nome originado do verbo hebraico “ser” e que pode ser entendido como “*Ele Que é*”, ou “*Aquele Que Está Sempre Presente*”, de modo real e verdadeiro, pronto a ajudar e a agir. No mundo antigo, o nome estava intimamente relacionado com a essência e o caráter da pessoa. Conhecer o nome de uma pessoa era ter acesso ao seu próprio caráter.¹ Quando Moisés perguntou a Deus o Seu nome (cf. v. 13), ele não estava perguntando algo como: “Quem és tu?” Na realidade, o questionamento de Moisés era: “Quem tu és? Qual é a essência da Sua natureza, do Seu caráter? Como eu me relaciono Contigo?”.

Conhecer a Deus vai muito além de sabermos **quem é Deus** (informação) mas, principalmente, de sabermos **quem Deus é** (relacionamento). Deus não está em busca de **servos**, ainda que sejamos. Deus está à procura de amigos, com os quais Ele possa compartilhar Sua natureza e intimidade.

Portanto, a experiência que Moisés vivenciou com Deus no monte Horebe, serve como precioso ensinamento para nós, sobre quais são os princípios bíblicos necessários para se construir uma verdadeira relação de amizade e intimidade com Deus. Que princípios são esses?

1. INTIMIDADE COM DEUS ENVOLVE O NOSSO INTERESSE NA SUA PESSOA E NÃO NOS SEUS ATOS MILAGROSOS – “*Vou me aproximar para ver essa coisa espantosa*” (v. 3)

No primeiro momento, o interesse de Moisés era o de apenas contemplar o fenômeno espantoso presente na sarça. Assim como muitas pessoas que se aproximam de Deus focados apenas nas maravilhas, nos atos sobrenaturais que Ele pode operar na vida de um indivíduo – sem mencionar aqueles que costumam venerar os “visionários do fogo”. Nos dias atuais, a relação do ser humano para com Deus, está na maioria das vezes centrada nas “mãos” de Deus e não em Sua “face”. Habitamos a ser credores de Deus, consumidores de bênçãos, mercadores da Graça, manipuladores da fé. Quando Deus viu que o interesse de Moisés estava apenas na contemplação do milagre – “*vendo o SENHOR que ele se aproximava para ver*” (v. 4) – Ele disse: “*Não te aproximes daqui*” (v. 5).

¹ LASOR, William Sanford; HUBBARD, David A.; BUSH, Frederic W.. *Introdução ao Antigo Testamento*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1999. 72 p.

Ainda que, pelo prazer que Deus tem na prosperidade dos seus servos (cf. Salmo 35.27b), nós vivamos em prosperidade e a nossa descendência herde todos os bens da terra (cf. Salmo 25.13), nenhum de nós entrará na eternidade a bordo de um iate ou jatinho particular. Mesmo que Deus se apresente a nós como “o SENHOR que te sara” (cf. Êxodo 15.26), e cure todas enfermidades que viermos a ter, nenhum de nós morrerá por motivo de saúde. Qualquer ato miraculoso da parte do nosso Deus sempre produzirá efeitos transitórios, temporais, momentâneos. Não foi sem motivos que o apóstolo Paulo declarou que “*se a nossa esperança em Cristo é apenas para esta vida, somos os mais dignos de compaixão entre todos os homens*” (1Coríntios 15.19).

Infelizmente, quase que a totalidade dos testemunhos contados nas igrejas evangélicas é sobre o que Deus fez. Para muitos cristãos, a atuação de Deus só é interessante se ela ocorrer no exterior de suas vidas. O relacionamento da massa dos evangélicos, com aquele que eles chamam de Deus, é muitas vezes baseado na realização divina e não na transformação humana. Estamos condicionados a querer ver o “fogo de Deus” queimar do lado de fora da nossa existência, em vez desejarmos vê-lo arder do lado de dentro, em nossos corações. É algo bem diferente do que ocorreu no encontro de Jesus com dois dos discípulos – no caminho para a cidade de Emaús – onde, após o Senhor Jesus desaparecer diante deles, disseram entre si: “*Acaso o nosso coração não ardia pelo caminho, quando ele nos falava e nos abria as Escrituras?*” (cf. Lucas 24.32).

2. INTIMIDADE COM DEUS ENVOLVE O NOSSO INTERESSE NO CARÁTER DIVINO E NÃO APENAS NA CARACTERÍSTICA DA DIVINDADE – “Por que a sarça não se consome?” (v. 3)

Em vez de descobrir quem era o operador do milagre presente na sarça, Moisés estava mais interessado em descortinar os aspectos da operação miraculosa, isto é, saber de que maneira a estrutura da sarça era preservada em meio às chamas. Muitos cristãos desperdiçam momentos preciosos, que seriam melhor aproveitados no relacionamento com Deus, para discutir a veracidade dos milagres de Deus na atualidade, se a justiça de Deus é realmente imparcial, se a soberania e onisciência de Deus são realidades, se as decisões de Deus são sempre irrevogáveis etc.

O fato passarmos a maior parte do tempo falando **sobre** Deus, em vez falarmos **com** Deus, é um dos motivos porque precisamos, urgentemente, reavaliar o nosso conceito sobre oração. Certa vez, alguém que se diz cristão, me disse algo – que eu já ouvi repetidas vezes pela boca de outras pessoas – que eu ainda não entendo. Ele me disse: “Eu não oro a Deus porque Ele já sabe o que penso, como eu me sinto e quais são os meus sonhos e desejos. Uma vez que a Bíblia diz que Deus é onisciente, isto é, tem conhecimento infinito sobre todas as coisas, logo, eu não preciso orar”. Realmente, Deus prevê o futuro e sabe com antecipação tudo o que se refere a nós. Mas **a oração não é veículo de informação, mas canal de relacionamento**. De fato Deus não precisa que oremos. Porém, não é possível sermos íntimos de Deus, se não cultivarmos um relacionamento sólido e genuíno com Ele.

3. INTIMIDADE COM DEUS ENVOLVE A NOSSA A TRANSFORMAÇÃO DE CARÁTER E NÃO A SIMPLES MUDANÇA DE HÁBITOS – “Tira as sandálias dos pés, pois o lugar em que estás é terra santa” (v. 5)

A Escritura declara que sem santificação não é possível que qualquer ser humano desenvolva um relacionamento íntimo com Deus (cf. Hebreus 12.14). Santificação é o ato de tornar a nossa natureza humana a mais parecida possível com a natureza humana de Jesus. Pois foi “na forma de homem, [que o Senhor Jesus] humilhou a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz” (Filipenses 2.8).

A santidade é um dos atributos comunicáveis de Deus que é compartilhado, em certa medida, com o ser humano. Não é algo que Deus possui, mas é algo que faz parte da Sua natureza intrínseca. Em Deus está a expressão máxima da santidade (cf. Isaías 6.3; Apocalipse 4.8).

Santidade, é a humanidade do Senhor Jesus revelada em nós e manifestada através de nós.

Tem a ver com a transformação do nosso caráter e não com o adestramento do nosso comportamento. Fazemos parte da geração evangélica que se habituou a relativizar os princípios divinos, a substituir o ético pelo estético, a trocar a verdade pela subjetividade, a considerar normal o que antes era obscuro. Mas **Deus não é concessivo em relação aos atributos que Ele nos concede**. A santidade exigida por Deus não é atributo negociável. Deus não nos **aceita** como estamos. Ele nos **recebe** como estamos, e nos transforma. O que tornou a terra santa (cf. v. 5) foi a presença manifesta dAquele que é Santo. Se esse Santo (Espírito), de fato habita em nós, a santidade em nossa vida deve ser realidade.

CONCLUSÃO

Quando Deus chamou por Moisés, a resposta do futuro líder hebreu foi: “*Estou aqui*” (v. 4). Onde nós estamos quando Deus nos chama pelo nome? Em que lugar está a nossa mente, o nosso coração, a nossa existência? Deus anseia por pessoas que estejam dispostas a ouvir Sua voz e disponíveis a obedecê-la. Às vezes estamos fisicamente presentes, mas mentalmente ausentes. Em diversos momentos estamos tão entretidos com a contemplação das sarças que o Senhor Jesus opera, que deixamos de prestar atenção no chamado e missão que Deus tem para cada um de nós. Nos tornamos indiferentes ao sofrimento das pessoas que se encontram cativas e clamando por libertação.

Estar na presença de Deus e desfrutar dessa presença são duas coisas bem diferentes. Se a cada dia, nós não nos parecermos mais e mais com Jesus, alguma coisa está errada com aquilo que chamamos de espiritualidade. Jesus não sofreu e morreu na Cruz para que fôssemos apenas “contempladores de sarças”. O Céu deve ser lugar de encontro dos amigos íntimos do Senhor Jesus! Ainda que você se maravilhe ao contemplar a “sarça de Deus”, não se esqueça de que o mais importante na sua vida não é contemplar a “sarça de Deus”, mas o “Deus da sarça”. *Soli Deo Gloria ...*

 Reflexão baseada no sermão homônimo ministrado em 30/11/2014, na Igreja Batista em Jardim Santa Terezinha - São Paulo/SP.